

VIVENDO E APRENDENDO: UMA EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM QUIXADÁ CEARÁ

MARIA DAS DORES ALVES SOUZA

Profª Ms do curso de Pedagogia do Centro de Educação (CED) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutoranda em Educação Brasileira no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisadora no nejahm – Núcleo de Referência em Educação de Jovens e Adultos: História e Memória – Ceará. E-mail: profdorinha54@gmail.com

Introdução

Neste artigo narra-se uma experiência da alfabetização de jovens e adultos com o objetivo socializar a história do projeto Vivendo e Aprendendo: um movimento de alfabetização e cidadania em Quixadá – Ceará, desenvolvido no período de 1995 a 1997, pelo Centro Antonio Conselheiro – Assessoria e Pesquisa em Educação Popular – CAC.

Fundamenta-se na pesquisa de mestrado de Souza (2001)¹ que trabalhou com abordagem qualitativa por compreender que esta:

[...] preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificada, [...] e trabalha com o universo dos significados. Corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994 P.22)

Os sujeitos da pesquisa que subsidia este artigo foram três professores alfabetizadores e quatorze cidadãos alfabetizados no projeto vivendo e aprendendo, os quais são homens e mulheres cujas histórias de vidas são marcadas pelo estigma do analfabetismo. Entretanto, eles acreditaram nas possibilidades de superação desse estigma e investiram na concretização do sonho de aquisição do domínio da leitura e da escrita.

¹ Os significados da alfabetização para os trabalhadores. Dissertação defendida em 2001, Universidade Federal do Ceará – UFC

O presente texto privilegia a narrativa, neste sentido traz-se depoimentos dos sujeitos da investigação e rememora-se registros do diário de campo da pesquisadora. Para tanto, narra-se detalhadamente a história do Vivendo e Aprendendo que, em seu percurso, convida o leitor a passear por fragmentos da memória, adentrando, assim, pelo mundo da alfabetização dos trabalhadores.

Os principais personagens dessa história foram: educadores, professores universitários, estudantes universitários, estudantes secundaristas, homens e mulheres trabalhadoras. Concretiza-se pelas ações de pessoas sonhadoras, que pela ousadia, persistência e compromisso com a educação da classe trabalhadora tornaram real a fala de Freire (1994 p.72), quando diz que “há pessoas que fazem nascer flores onde não se pensava que fosse possível”, e foram também capazes de se indignarem com a realidade do analfabetismo no país, e em particular, no município de Quixadá, que era na época (1995) de 40,7% da população acima de 15 anos de idade, segundo o IBGE (1991). Esse contexto determinou a existência do Vivendo a Aprendendo.

O marco desse processo deu-se em reunião com os diversos segmentos da comunidade quixadaense: instituições públicas, clubes de serviços, entidades educacionais e Organizações não governamentais, onde se discutiu a necessidade de um trabalho de alfabetização de jovens e adultos, com o intuito de diminuir os altos índices analfabetismo no município e contribuir para a construção de uma história dos trabalhadores como capazes de domínio da leitura e da escrita.

Concomitante a esse processo, a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Ceará discutia com um grupo de professores da Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC, um projeto semelhante. As ações se entrelaçaram e conquista-se, então, uma rede de parcerias entre o Centro Antônio Conselheiro, a Universidade Estadual do Ceará, a Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central.

As ações iniciais do projeto “vivendo e aprendendo” voltaram-se para um trabalho de sensibilização e mobilização da sociedade civil local, a partir da apresentação e discussão do projeto de alfabetização de jovens e adultos em reuniões com segmentos da comunidade, as quais tinham como objetivo refletir sobre os altos índices de analfabetismo no município e conquistar o envolvimento e compromisso das instituições na concretização do projeto de alfabetização.

Como resultado desse processo, ocorreu e participação voluntária na ação alfabetizadora de dois estudantes universitários, seis estudantes secundaristas, três professoras de comunidades rurais e uma técnica da secretaria de educação do município e duas professoras da FECLESC.

É importante ter clareza, que o analfabetismo é resultante de um sistema socioeconômico e político excludente, alheio aos apelos, às carências e aos diversos ritmos de aprendizagem dos filhos dos trabalhadores, os quais, desde crianças, não têm acesso ao saber escolar em virtude da necessidade de contribuir para a sobrevivência da família, tornando-se prematuramente crianças e adolescentes trabalhadores. Esses certamente são os homens e mulheres que constituem os dados estatísticos do analfabetismo brasileiro.

Veja-se como uma das alfabetizadas rememora o seu desejo de estudar e o quanto isso foi difícil na sua infância.

[...] Lá em casa eram três irmãs, mas as condições só davam para pagar escola pra mais velha. Um dia eu escutei minha irmã lendo uma carta, aí quando ela soltou aquela carta e terminou de ler, eu peguei, me deu aquele negócio e eu fiquei lendo, aprendi, gravei na memória e fiquei fazendo que estava lendo, tão grande era minha vontade. Meu pai ficou com peninha de mim e disse assim: essa menina vai todo dia com a Maria pra escola, não dá para ela estudar também, não? A mamãe foi e disse: se ela for a outra também vai [...], vou botar elas duas, sim, já que está no fim do ano. Mas vou botar assim: uma vai num dia, e a outra vai no outro. E assim,

nós duas estudamos um mês: eu quinze dias e ela quinze dias. Chegou o mês de dezembro, terminou a aula, pronto, acabou-se. Vamos tudo pro roçado e eu com tanto desejo de aprender a ler, mas era tão difícil a gente ver até a pessoa estudar, era difícil (C. S. Alfabetizada).

O depoimento da alfabetizada demonstra seu grande sonho de estudar. No entanto, este sonho não se concretizou em virtude da sua realidade social, ou seja, por ser filha de trabalhador rural, o qual não dispunha de recursos financeiros para pagar escola das filhas, que mesmo sendo crianças, deviam trabalhar para contribuir na sobrevivência da família. A fala da alfabetizada emociona e, ao mesmo tempo, causa indignação por essa realidade continuar sendo vivenciada e considerada “quase normal” na vida de milhares de jovens e adultos cearenses que não estudam porque tem que trabalhar para sobreviver.

As ações cotidianas do Vivendo e Aprendendo foram permeadas por problemas de ordem pedagógica e administrativo-financeira. Os primeiros relacionados à concretude dos princípios filosóficos e metodológicos da ação alfabetizadora no cotidiano de sala de aula, em virtude das dificuldades de compreensão teórica e da inexperiência na área de alfabetização por parte de alguns alfabetizadores. Esses problemas foram sendo trabalhados na formação pedagógica dos alfabetizadores. Os segundos referiam-se à inexistência de recursos financeiros para manutenção da ação alfabetizadora, os quais foram enfrentados ao longo do processo, pela persistência e compromisso da equipe de coordenação e alfabetizadores que não desanimaram diante da situação e incansavelmente buscaram alternativas, entre as quais destacam-se: campanha de apoio financeiro ao projeto por meio dos órgãos públicos, dos bancos, do comércio e dos clubes de serviços,² campanha de arrecadação de material

² Lojas, Mercantis, Lions, Maçonaria, Rotary, Câmara Municipal, SEBRAE, Banco do Brasil, e BEC.

didático,³ e celebração de convênios estabelecendo as responsabilidades mediante parcerias entre as instituições envolvidas no projeto. Estas ações possibilitaram aos alfabetizadores e alfabetizandos os materiais didáticos necessários ao processo ensino-aprendizagem, propiciando enfim, as condições para iniciar as aulas.

Nesse contexto, foi possível iniciar o trabalho de sensibilização e mobilização nas comunidades onde funcionariam as turmas de alfabetização. O mesmo se desenvolveu por meio de visitas domiciliares e reuniões para discussão da proposta de alfabetização e despertar o interesse e compromisso de todos da comunidade, em especial das pessoas que não dominavam a leitura e a escrita, a participarem das aulas, pois, sem elas, o trabalho não se concretizaria.

As visitas e reuniões nas comunidades foram de trocas de experiências e saberes, permitindo, assim, melhor compreensão sobre as representações dos trabalhadores em relação à função e/ou necessidade da leitura e da escrita no cotidiano de suas vidas. Aqui se considera importante lembrar falas⁴ dos trabalhadores que retratam o significado da leitura e da escrita para eles. O dito popular “Papagaio velho não aprende mais a falar” era constantemente citado nos depoimentos. Entretanto, referiram-se a outros como:

Meu negócio mesmo é a roça e pra isso eu não preciso de estudo.

Meus pais e avós não sabiam ler e escrever e sobreviviam.

Tem tantos ricos analfabetos e doutores desempregados.

Já trabalho o dia todo no pesado (roçado) como é que vou aguentar estudar a noite.

Alguns trabalhadores eram mais otimistas quanto aos estudos e acreditavam que o saber é ponte para a ascensão social.

³ Atividade desenvolvida na FECLESC e nas Escolas públicas e particulares para conseguir doação de cadernos, lápis, borracha, cartolina, papel madeira e papel ofício, materiais necessários ao processo de alfabetização.

⁴ Depoimento dos trabalhadores quando das visitas domiciliares e em reuniões para discussão da proposta de alfabetização.

No entanto, para eles, o desejo de aprender a ler e a escrever relacionava-se diretamente ao atendimento das necessidades básicas vivenciadas no cotidiano, como: aprender a assinar o nome nos documentos, escrever bilhete e carta. Destacava-se ainda, a necessidade da leitura da placa de ônibus para facilitar o deslocamento da comunidade até a cidade ou quando tinham de ir à capital do Estado. A leitura da bíblia também representava um sonho para muitos trabalhadores, em especial, para os evangélicos. O anseio de ensinar as tarefas escolares dos filhos era sempre ressaltado nas falas femininas. A crença de que há maiores possibilidades e oportunidades de ascensão social para aqueles que dominam a cultura letrada estava sempre implícita na fala das pessoas que demonstravam interesse em participar das aulas, principalmente dos jovens. Neste sentido, concordo com Giardinetto, (1995 p.84) quando defende que:

[...] a escola surge como um elemento fundamental para a necessária formação do indivíduo enquanto cidadão participante de um determinado contexto social, pois é através dela que esse indivíduo tem a possibilidade de se apropriar de um conhecimento que não lhe é possível apropriar ao plano da vida cotidiana.

O Processo de Formação dos Alfabetizadores

A história tem demonstrado que as oportunidades de alfabetização dos trabalhadores são marcadas por campanhas governamentais em que o ato de ler e escrever se transforma somente em aquisição de habilidades técnicas e motoras, sendo assim, desprovida de problematização da realidade social. Pinto (1982 p.34) compreende que

Para combater ou erradicar o analfabetismo, o que propõem é a ação governamental levada a cabo por meio de campanhas, [...] deveria haver apenas a ação normal, constante e

intensiva do poder público para dar instrução aos iletrados dentro de um programa de governo que começaria por atuar sobre as causas sociais do analfabetismo.

A equipe de coordenação do projeto buscou compreender as causas do analfabetismo; vivenciar a relação da alfabetização de adultos com os movimentos sociais; o respeito ao saber popular e a integração deste ao saber sistematizado.

Tais preocupações subsidiaram permanente processo de formação política e pedagógica dos alfabetizadores e equipe de coordenação, iniciado com um curso para alfabetizadores,⁵ que teve continuidade com outras atividades desenvolvidas durante o projeto como, por exemplo, seminário sobre as contribuições do construtivismo para as metodologias de alfabetização de jovens e adultos; oficina de matemática; várias palestras, entre as quais se destaca uma com Paulo Freire, em março de 1996. Para os alfabetizadores foram indescritível as emoções ao conhecerem pessoalmente o mestre que inspirava a prática de alfabetização por eles desenvolvida.

Os encontros pedagógicos complementavam o processo de formação dos alfabetizadores e da equipe de coordenação. Aconteciam mensalmente, com duração de dois dias envolvendo estudos teóricos e análise da prática em sala de aula, onde eram analisadas as dificuldades e os avanços vivenciados no cotidiano das turmas de alfabetização e proposta intervenções de superação da alfabetização.

O depoimento de um dos alfabetizadores demonstra sua percepção sobre o grupo:

À medida que o tempo foi passando o grupo se unia de forma integrada e admirável. As dificuldades eram expostas e compartilhadas entre toda a equipe, alfabetizadores, coordenação e alfabetizados. Eu de forma particular nunca deixei de por as minhas inseguranças, como alfabetizador, diga-se

⁵ Parceria com o Banco do Brasil por meio do BB Educar (programa de alfabetização da instituição) que assumiu a formação inicial dos alfabetizadores. Seus instrutores ministraram um curso de quarenta horas aula.

de passagem, eram muitas, e as alegrias quando via o progresso dos alunos ao solucionarem uma questão. Enfim fui apaixonado pelo grupo e pela causa que alguns diziam estar perdida (E.S.L, alfabetizador)

As visitas às turmas de alfabetização, feitas pela equipe de coordenação pedagógica para acompanhar as ações de sala de aula, também se constituíam formação dos alfabetizadores, momentos em que se observava a relação teoria e prática e, em especial, as dificuldades vivenciadas no processo de alfabetização as quais eram trabalhadas nos encontros pedagógicos.

A formação político-pedagógica de todos os envolvidos na experiência do Vivendo e Aprendendo constituiu-se em um processo contínuo e permanente, considerando sempre as necessidades teóricas e práticas do grupo.

Do Sonho à Realidade

Ninguém caminha sem aprender a caminhar; sem aprender a fazer o caminho caminhando; sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar (FREIRE, 1994:76).

A aula inaugural de cada uma das turmas de alfabetização representava marcante acontecimento e envolvia as lideranças locais e pessoas da comunidade no intuito de estimulá-las a compreenderem esta ação como uma conquista da comunidade e, também, como instrumento de organização dos trabalhadores.

É impossível descrever as emoções que cada um dos alfabetizando deixava transparecer por suas expressões faciais: esperança, contentamento, preocupação; ansiedade, medo, alegria, timidez, insegurança e tudo mais que o ser humano sente e transmite quando está diante do desconhecido, de uma situação desafiadora. O depoimento de uma das alfabetizadas sobre o seu primeiro dia de aula, é ilustrativo:

O primeiro dia de aula, pra mim, foi que nem assim quase um renascimento. Eu digo: será que vou ficar mais nova? Eu aqui? Já tinha perdido era a esperança de um dia chegar numa sala pra eu estudar. [...] Aí eu imaginando: meu Deus, parece assim uma coisa que a gente tá renovando, mas tenho fé em Deus que vou aprender (C.S.A alfabetizada).

As reflexões dos coordenadores e dos alfabetizadores, quando da criação da turma, voltavam-se para a explicitação dos objetivos da ação alfabetizadora, estimulando os alfabetizandos quanto às reais possibilidades de aprendizagem da leitura, escrita e cálculos.

Os alfabetizandos e as alfabetizandas falavam de suas expectativas, medos, inseguranças e timidez quanto ao desejo e possibilidades de adentrar pelo mundo do saber letrado. Medo de mais uma vez não conseguirem concluir o processo de alfabetização, inseguros pela descrença na sua capacidade de aprender a ler e escrever. Timidez por considerarem que seus saberes (senso comum) emoções e experiências de vida, mais uma vez, não seriam considerados. Esses aspectos foram os pilares construtores da ação alfabetizadora, os quais alimentaram sonhos de educadores e jovens idealistas que voluntariamente, no período de novembro de 1995 a dezembro de 1996, a assumiram com compromisso as salas de aula de alfabetização.

Após um ano de existência do Vivendo e Aprendendo, a equipe de coordenação fez uma avaliação sobre os resultados da experiência oportunidade em que analisou as dificuldades em relação à falta de recursos financeiros para manutenção da ação alfabetizadora, e também a validade em manter um trabalho tão significativo por meio do voluntarismo.

Partindo do entendimento de que o poder público tem o dever de destinar recursos para a alfabetização dos trabalhadores, foi elaborado um projeto dirigido ao Ministério da Educação e Cultura, que liberou recursos para manutenção de dez turmas de alfabetização pelo período de seis meses, atendendo um total de 220 alunos.

Os recursos destinaram-se ao pagamento dos alfabetizadores e material didático. Assim foi possível superar o voluntarismo e experimentar uma segunda fase no projeto.

A reivindicação dos alfabetizados pela continuidade dos estudos possibilitou a implantação de três turmas de pós-alfabetização, nas comunidades rurais de Sabonete, Juatama e Cipó dos Anjos, as quais foram assumidas financeiramente pela Secretaria de Educação do município de Quixadá. Essa foi uma conquista relevante na história do Vivendo e Aprendendo e um dos passos para que a referida secretaria assumisse a responsabilidade pelos recursos financeiros e humanos para a execução do trabalho, garantindo-o, sem comprometer a proposta político-pedagógica construída ao longo do processo e ainda, mantendo as parcerias com as instituições envolvidas no projeto.

A Ação Alfabetizadora: o Cotidiano de Sala de Aula

A prática pedagógica fundamentou-se nos princípios da educação libertadora e do construtivismo, buscando-se sempre a construção da relação teoria e prática no que se refere à aquisição da leitura e da escrita e à compreensão da realidade social pelos alfabetizados. Desse modo, a compreensão era de que “[...] é necessário partir do analfabeto como ser humano e não do analfabetismo [...]. O analfabetismo é uma realidade sociológica”. (PINTO, 1982 p.34).

O conhecimento, sobre a história de vida, e da realidade socioeconômica e a cultura dos alfabetizados por parte dos alfabetizadores eram os alicerces construtores da alfabetização a qual os estimulavam a falarem de si, de suas relações com o meio social e com a natureza, de seus desejos, sonhos e insatisfações diante da vida cotidiana.

Na perspectiva de superação das concepções que subsidiavam as práticas de alfabetização de jovens e adultos, tradicionalmen-

te vivenciadas pelos órgãos governamentais, o processo ensino-aprendizagem vivenciado primou pela construção de um cotidiano de sala de aula relacionado às situações concretas dos alfabetizandos, tanto no que diz respeito ao despertar para a compreensão da realidade social, quanto ao desenvolvimento das atividades de leitura, escrita e matemática.

Em termos de proposta pedagógica, o desafio foi vivenciar uma metodologia fundamentada nos princípios da educação libertadora e nos pressupostos construtivistas. Neste sentido, buscou-se superar a concepção de que primeiro o alfabetizando tem de aprender o alfabeto, depois as sílabas, continuando as palavras e somente a partir destas, as frases para, então, ser considerado capaz de ler e escrever. Contrapondo-se a essa concepção de alfabetização, o processo de alfabetização desenvolveu-se a partir de textos produzidos pelos próprios alfabetizandos, tendo como referência as palavras geradoras. Para ilustrar esta afirmação transcrevemos um texto coletivo produzido oralmente pelos alfabetizandos e escrito pelo alfabetizador, por ocasião do estudo da palavra geradora NATUREZA. A estrutura do texto mantém a forma originalmente produzida:

Natureza Deus botou no mundo; Natureza é a vida. Natureza são as águas, as nuvens, o sol para clarear o mundo, as estrelas o mar, as casas, a praia... Sem natureza a gente não vive; Natureza são ainda, os pássaros, as borboletas. Nós somos natureza por termos vida (texto produzido coletivamente pelos alunos da turma FECLESC).

Nessa produção, percebemos a capacidade de interpretação, coerência e coordenação de idéias dos alfabetizandos, demonstrando, assim, que é fundamental considerar as expressões verbais, e não somente o ato de ler e escrever no sentido estrito. Com a decodificação de uma gravura eles foram capazes de expressar sua leitura de mundo. Ao ler e retirar o texto do quadro verde, descobriam que cada palavra representava o esforço e a aprendizagem de cada um deles, enquanto o texto dava significado ao trabalho do grupo.

As ações cotidianas de sala de aula primavam por atividades que estimulassem o desenvolvimento do raciocínio lógico, a criatividade, a criticidade e a participação dos alfabetizandos em todo o processo de aprendizagem. Dessa forma, o uso em sala de aula de jogos pedagógicos, músicas, poesias, literatura de cordel, vídeos, palestras e a vivência de dinâmicas de grupo imprimiam mais vida e alegria ao processo de alfabetização.

Os conhecimentos adquiridos a partir das experiências vividas pelos alfabetizandos eram incorporados à prática pedagógica e mais uma vez confirmava-se a importância da realização e valorização de atividades fora do espaço de sala de aula. Não somente no que diz respeito ao aspecto da aprendizagem, mas também em relação à afetividade e à solidariedade entre os membros do grupo, significando ainda uma oportunidade de aprofundamento sobre a história de vida dos alfabetizandos.

A solenidade de conclusão do processo de alfabetização de cada turma, momento de entrega de certificados ocorreu em meio à festa marcada por atividades culturais, ornamentação do ambiente, destacando-se a exposição de painéis com as atividades pedagógicas da turma, além de coquetel. A confraternização era organizada pelos alfabetizadores e alfabetizandos. Em algumas turmas, acontecia a participação de pessoas da comunidade, que contribuíam desde a preparação do evento até a doação de recursos materiais. Registrava-se a presença de todos os envolvidos: coordenadores, representantes das instituições, dos familiares, amigos dos alfabetizados e líderes comunitários. Fortes emoções se manifestavam, num misto de alegria, choro, saudade, e especialmente o contentamento dos principais personagens dessa história: os alfabetizados, por se sentirem capazes de superar o rótulo do analfabetismo e vencerem significativa etapa do processo de escolarização.

A investigação sobre o Vivendo e Aprendendo, possibilita considera que dentre os diversos significados que este trabalho representou para a comunidade de Quixadá, para a equipe de coorde-

nação, para os alfabetizadores e, em especial, para os trabalhadores alfabetizados destaca-se: o resgate da participação de segmentos da sociedade civil, considerada significativa por se tratar de um momento histórico de apatia diante das lutas populares; a formação de educadores na área de alfabetização de jovens adultos que integraram-se na equipe de professores do município; o envolvimento da Secretaria de Educação de Quixadá, culminando com a criação de um núcleo de educação de jovens e adultos e com o reconhecimento da experiência do Vivendo e Aprendendo; a implantação de turmas de pós-alfabetização em comunidades rurais; a continuidade dos estudos pelo trabalhadores alfabetizados em escolas municipais e estaduais. Considera-se também, que o vivendo e aprendendo se constitui em um marco na história da educação de jovens e adultos em Quixadá Ceará.

Referências Bibliográficas

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança – Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- GIARDINETTO, José Roberto Boettger . *Matemática escolar e matemática da vida cotidiana*, São Paulo: Cortez, 1995.
- MINAYO, Maria C. de S. *Pesquisa social: teoria, criatividade e método*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- SOUZA, Maria das Dores Alves Souza. Os significados da alfabetização para os trabalhadores. Dissertação, UFC 2001.
- PINTO, Álvaro Vieira. Sete lições sobre educação de adultos. São Paulo: Cortez, 1982.